

Chegou a hora da gente dar mais um passo no nosso modelo prático para alcançar objetivos.

- Eu sou o Cadu Tinoco.
- E eu sou Mandi Tomaz.

Oi, gente! Como vocês estão? Espero que bem, CIMT. Hoje a gente está dando mais um passinho em direção ao nosso objetivo. Esse passo vai falar da razão. “Crie ideias” é o nome desse passo. Esse é um passo importante, porque ele compila os nossos últimos passos. Na verdade, ele fecha o passo da nossa mente consciente, dos nossos pensamentos.

Nós estamos falando de seis passos que estão totalmente conectados e integrados. Vamos falar um pouco sobre isso. A gente está falando das seis habilidades mentais que estão na nossa mente consciente. A gente tem um desafio só dedicado para o desenvolvimento dessas seis habilidades mentais, porque cada uma tem um papel muito importante e, na verdade, elas estão totalmente integradas. A gente tenta dar uma didática para isso, mas elas se conectam o tempo inteiro. A gente vê isso se misturar o tempo todo.

A gente não pode começar a avançar nesse passo sem antes compreender o que é a razão. A razão faz confusão, faz julgamento, é uma habilidade que é uma grande formadora de ideias. É a ponta do iceberg, o desfecho.

Se a imaginação é o primeiro estágio da nossa linha de produção, a razão é o último estágio, onde o produto sai pronto. Que produto é esse? Ideias. Por isso que a gente fala: crie ideias. A gente não se atenta para a importância das ideias. O que seria do mundo se não houvesse ideias?

O grande fato que diferencia a gente dos bichos é a nossa capacidade de criação. O desenvolvimento humano, o desenvolvimento da sociedade se deu através de grandes ideias, de grandes pensadores que tinham ideias, que concebiam ideias. E a gente consegue ver isso na nossa vida. A gente consegue ver até quando prepara um almoço. Dependendo da ideia que você tenha, tem muito mais esforço ou muito menos esforço para você colocar a ideia em prática.

Não quer dizer que a melhor ideia é a de menor esforço. Não quer dizer isso. Mas dependendo do tempo que você amadurece a sua ideia, você pode economizar muito esforço. Tem problemas que você poderia passar meses resolvendo, e, com uma ideia, você resolve em um dia. Eu diria que a ideia, na verdade, pode separar uma pessoa de sucesso de uma pessoa de fracasso. Uma ideia que vai ser concebida e depois vai ser gerada na prática, muda tudo.

A gente vai falar aqui muito do processo de amadurecimento de ideias. Esse é um processo que a gente precisa fazer as pessoas refletirem, sobre esse ponto. Eu vi a Lucia Helena falar isso e eu adoro pensar desse jeito mesmo, porque bate muito com o que eu penso. A gente está em um mundo de ideias dadas. Porque a gente tem mil tipos de ideias diferentes circulando, inclusive nesse momento a gente tem ideias circulando com muito mais facilidade, com muito mais variedade do que a gente tinha muito tempo atrás, onde a comunicação não fluía nessa intensidade.

Quando a gente não se enxerga com uma autoimagem adequada, quando se enxerga muito incapaz, a gente tem uma tendência natural de supervalorizar a ideia dos outros e subvalorizar a nossa ideia. Não entendemos que nós temos capacidade de criação. Então, você está sempre buscando a ideia do outro. É daí que a gente fala, dentro da nossa autoimagem “não sou uma pessoa criativa”. Eu repeti isso a vida inteira para mim. Eu não

sou uma pessoa criativa. Espera aí. Na verdade, você é uma pessoa criativa. Todos nós somos.

O ponto é que você está criando coisas que não são suas. A gente pega muito as ideias dos outros e, daqui a pouco, a gente está falando que a ideia é nossa. Na verdade, eu nem sei, mas eu sou influenciado o tempo inteiro. É normal que eu seja. Mas, quanto mais concentrado eu estou em mim, quanto mais eu me desenvolvo, quanto mais eu percebo o poder que a minha mente tem, quanto mais eu conheço essas habilidades e entendo todos esses processos, mais facilmente eu vou conseguir dar atenção e ouvidos às minhas ideias.

A gente estuda muito o que outras pessoas fizeram. São aqueles exercícios de matemática, aqueles exercícios de física... então, a primeira visão que uma criança tem quando sai da escola é a seguinte: eu sou um burro, eu preciso aprender o que esses grandes nomes ensinaram e assim eu vou.

Você deveria, dentro da escola, aprender que tem habilidades mentais. Aprender que você tem capacidade de criação e solução de problemas. Você tem que fortalecer as habilidades, porque funciona como músculo. A gente não faz isso. A gente tenta enxertar para as pessoas determinadas ideias, determinados conceitos, e não tira delas o potencial de criação.

Isso acontecia com mais intensidade ainda na geração anterior, mas continua acontecendo, porque a coisa não é tão democrática assim. O professor chega ali e fala “cara, é isso aqui, você senta, eu estou num lugar mais alto que o seu e eu te transfiro uma ideia que é minha, e você senta aí e aprende, e eu vou avaliar se você aprendeu direito ou não”.

Você é penalizado se não aprender, você não passa de série, você se atrasa se não aprender a minha ideia. E aí aquele negócio da imaginação, da criatividade vai ficando mais para as crianças. À medida que você vai se tornando adulto, você precisa acumular conhecimentos e informações que vieram dos outros.

Então, você começa a ser um acumulador, uma grande tigela onde você vai colocando conhecimento ali dentro. No final, você olha para a sua vida, não consegue resolver os problemas e você não entende porquê. E, ao mesmo tempo, a gente é lotado dessas informações que a gente está falando, da escola, mas agora a gente pode falar de uma avalanche de informações full time, vinte e quatro horas na nossa cabeça, acontecendo através da internet.

Imagina o sofrimento de uma pessoa que foi treinada, ao longo de toda a sua vida, para adquirir conhecimento, absorver conhecimento externo, porque olha para o YouTube, olha para o Google e fala assim “Meu Deus, como é que eu vou fazer? Por onde eu começo?”.

E a impressão que a gente tem, a gente sempre fala isso, né... é a espiral da morte do conhecimento. A impressão que a gente tem é que, de fato, precisa aprender sobre tudo. Quando a gente está ocupado, aprendendo determinadas coisas que alguém achou importante falar... porque assim, dentro do YouTube tem gente achando importante falar sobre tudo. Cada um no seu nicho. Um está falando sobre desenho animado, o outro está falando sobre como construir não sei o quê, o outro está falando sobre a NASA, o outro está falando sobre astrologia. Cada um está falando uma coisa que acha importante, porque defende sua ideia. Nós estamos falando sobre desenvolvimento pessoal.

O ponto é o seguinte: muitas vezes, quando a gente está vivendo no automático, a gente não percebe isso e começa a querer aprender sobre tudo, porque a gente acha que o caminho é por aí, para você compensar em capacidade. Por que eu não me sinto capaz? Porque eu não conheço. Porque eu aprendi, ao longo da minha vida, que quanto mais eu

conheço, melhor eu sou. O que começa a acontecer?

Aquela mente consciente está tão ocupada, mas tão ocupada, que é impossível utilizar qualquer uma das minhas habilidades mentais, porque elas estão silenciadas, basicamente enfraquecidas, mas a minha imaginação é mais do mesmo. Eu não consigo pensar em nada que seja diferente. É tudo muito automático.

Quando você vai em Einstein (e aí só as pessoas que têm tempo para desenvolvimento intelectual acabam acessando esses pensadores que deveriam ser os primeiros a serem apresentados para a gente), ele fala assim: imaginação é mais importante que conhecimento. Aí você “opa, Einstein, ele era um gênio”. Vamos continuar. Vai em Steve Jobs. Steve Jobs com relação à ideia.

Tem uma entrevista do Steve Jobs, e essa entrevista também é comentada pela Lúcia Helena, o jornalista perguntou para ele “você não tem medo de ser substituído pelas suas criações? Você tem criações tão fantásticas, quem garante que essas criações não vão um dia substituir o ser humano?”.

Ele fala “essas criações, essas tecnologias dão conta de acelerar muito o processo de criar as nossas ideias, de botar em prática as ideias que o homem tem, mas isso nunca vai ser substituído pela produção de novas ideias. Gerar novas ideias será sempre humano e cada vez mais raro”. Olha o Steve Jobs dando relevância para o assunto chamado ideia.

Quando a gente fala ideia, a pessoa pode menosprezar, falar que ideia todo mundo tem o tempo todo. Mas espera aí: existem ideias e ideias. E o que move o mundo são as ideias. Onde você estaria na sua vida hoje se você tivesse talvez não aprendido noventa por cento do que você aprendeu na escola, na faculdade, na internet etc., e tivesse dedicando o seu tempo para reflexão? Porque as habilidades mentais demandam um certo silêncio, uma certa reflexão, uma certa inflexão, eu diria, um certo voltar-se para si mesmo. Quem seria você hoje se tivesse tempo livre na sua mente?

Se você tivesse e amadurecesse uma grande ideia, e tivesse colocado em prática, quem seria você hoje? Será que todo esse conhecimento que ocupa essa mente consciente é válido? Aí a gente tem que lembrar o que Platão lá atrás falou. A gente fala de ideia, qual é a importância de uma ideia? Platão falava do mundo das ideias. A gente tem a teoria das ideias de Platão, e é uma das mais conhecidas que existem.

Platão falava isso. Na verdade, o mundo físico, o mundo material, é um projeto do plano das ideias. Ele falava do plano das ideias, que a gente chama de plano mental. Ele falava “o que está aqui é uma sombra”. Eu gosto do fato dele destacar a palavra ideia, porque ideia é o produto da nossa mente consciente, é algo que precisa ser implantado na mente subconsciente para que ganhe vida no plano físico. A ideia é uma coisa que a gente precisa entender o potencial que ela tem.

Platão deu o destaque para o plano das ideias, ele chamava de ideias. Ele falava “essa ideia pode vir para o mundo mais ou menos perfeita, dependendo do pontífice, dependendo de quem faz essa ponte”. E dependendo da mente humana, do intelecto que está projetando essa ideia. O homem que vai trazer ao mundo essa ideia tem a cabeça no céu e os pés na terra. Ele faz a conexão. A razão é isso. A razão é essa conexão.

É o que o Bob Proctor chama de right reason, quer dizer, a razão correta. É criar essa conexão. E a gente vai estudar isso já já, na hora que a gente for falar dessa linha de produção, na hora que a gente for falar desse trenzinho do nosso intelecto.

Platão falava também de um negócio que marcou muitas pessoas. Muitas pessoas já
Mandi e Cadu Treinamentos e Serviços LTDA © Todos os direitos reservados.
É proibido compartilhar esse PDF

escutaram falar. Ele diz assim “pessoas normais falam sobre coisas, pessoas inteligentes falam sobre ideias, e as pessoas mesquinhas falam sobre pessoas”. Então, a gente sempre tem que refletir sobre isso. Quando eu estou focado em ideias, quando eu direciono meus pensamentos para ideias, eu estou trabalhando como uma pessoa realmente inteligente.

Duvido que o Warren Buffett, o Steve Jobs, o Zuckerberg se sentariam em uma mesa para discutir pessoas. Não vão gastar o poder deles de pensar com isso. Estão focados em ideias para poder projetar valor, para poder gerar valor, para poder gerar riqueza, para poder gerar crescimento e, assim, eles vão se expandindo e se expressando.

Existe uma relação que a gente precisa destacar aqui, que é a questão da relação entre ideia e esforço. Eu vejo isso na hora de produzir um almoço. Se você for fazer um frango com arroz, alimenta super bem. Eu gosto muito. Frango, arroz com azeite. E é muito fácil, porque você compra uma Air Fryer, tempera o frango, joga ali dentro, o arroz está em paralelo, você joga um azeite, você tem um prato de alto valor nutricional pronto.

A ideia, por exemplo, da Airfryer foi uma grande ideia que economizou o esforço de uma geração inteira. Não precisa comer óleo. A geração da minha mãe, por exemplo, o que a gente tinha que fazer? Tinha que fritar tudo, a gente cagava a casa inteira, a gente começava a gastar para poder limpar, o fogão ficava todo sujo, a cozinha toda, e acabava fazendo mais esforço. Muito mais esforço. Então, você vê que uma ideia, colocada em prática, obviamente, porque sua ideia está num plano mental, então a gente desdobra essa ideia, você poupa muito esforço.

Na construção da CIMT a gente viu isso. Tinham N caminhos. Caminhos que não iam acabar nunca. Caminhos que iam levar mais seis meses. Caminhos que iam dar muito mais trabalho e iam gerar muito menos valor, muito menos adesão ao programa. Então, a gente sentou muito para conseguir ter ideias, e as ideias que a gente hoje coloca aqui (que muitas pessoas vão copiar com toda a certeza, porque outras pessoas eu acredito que vão começar a fazer isso nos produtos digitais delas, até pessoas grandes, eu acredito que elas vão enxergar isso em algum momento) foram muito pensadas.

A gente discutiu ideias aqui que, talvez, não gerassem tanto valor dentro da rotina de uma pessoa que entrava na CIMT, como por exemplo, os podcasts. Podcast, mapa mental, passou pelo clube do livro, que foi uma ideia que não deu certo, foi uma escalabilidade absurda, a gente fez tentativas de outras abordagens.

A gente estava analisando e aí o mapa mental veio, e o podcast é fácil de gravar para a gente. Muito fácil de gravar. O tamanho da produção de conteúdo dentro da CIMT é muito grande. Nós somos dois, somos sozinhos de verdade. A gente não tem uma equipe e não pretende ter, porque esse é o nosso modelo de crescimento no momento. Poderia ter, mas o podcast dispensa porque a gente pode gravar um podcast na nossa mesa, no nosso horário, sem precisar se maquiar, sem precisar se arrumar, sem precisar ter que ficar uma pessoa operando a câmera e a outra não, e é edição, e demora.

E aí o que acontece? Imagina daqui a um determinado tempo, você está com o cabelo de outra cor, eu estou com o cabelo, sei lá, maior. Aí você assiste a gente e fala “ué, mas esses aqui não são o Cadu e a Mandi de hoje”. Você começa a trabalhar com um produto que está obsoleto. E aí, o que acontece? Você tem que regravar tudo de novo. Só que assim, o tamanho da nossa linha de produção aqui, da nossa produção, se vocês forem ver, é um negócio absurdo, é muito grande. Não tem como a gente falar assim: vamos regravar daqui a um mês de novo. Não dá.

Um outro ponto: quando a gente conversa em um podcast, é muito mais fácil de uma pessoa que está do lado de fora absorver. Porque a gente precisa criar um diálogo entre a

gente que faça sentido. Se você fosse uma terceira pessoa sentada aqui na mesa, você ia estar discutindo também com a gente. Se a gente coloca um roteiro muito bem trabalhado, no final engessa. E aí, quando eu estou gravando e não estou olhando no olho do outro, não tem espontaneidade.

Uma ideia é uma linha entre o que acontece e o que não vai acontecer. Às vezes você inviabiliza um projeto porque você não tem a ideia que viabiliza aquele projeto, ou seja, você não acessou a frequência de pensamento que torna aquilo possível. Hoje a gente olha o avião: nenhuma lei universal mudou para o avião decolar. Tinha uma época na história da humanidade que não existia avião. E tem uma época que passou a existir avião. Simples desse jeito. Por quê? Porque a gente combinou as ideias de uma forma correta. A gente conseguiu criar uma coisa possível de ser executada.

Se eu quisesse conectar as pessoas de outra forma, talvez eu não conseguisse. Imagina o quanto a ideia do avião economizou esforço na vida das pessoas. Quanto a ideia da internet no celular a gente já não economizou? Já provamos para todos e para a gente mesmo que a ideia é de um valor absurdo. Tem uma história no livro do Napoleon Hill que o cara conta uma ideia de como ele ganharia um milhão de dólares, o cara levanta da igreja lá e dá o cheque de um milhão de dólares, e não é por causa da ideia. Enfim, isso representa muito bem o poder das ideias.

A gente está falando isso porque está citando grandes nomes aqui, como o Steve Jobs. Mas olha, eu, você, o Cadu, nós não somos esses gênios, somos pessoas comuns, que temos que potencializar essa habilidade mental, para que a gente usufrua, dentro do nosso nível de consciência, e consiga obter grandes ideias e chegar a patamares que a gente, de fato, merece e quer.

Eu diria que o que diferencia o gênio de uma pessoa normal é o fortalecimento do intelecto dele, das habilidades mentais, porque isso, no final, é o que diferencia a gente um do outro, é o tempo que você dedica para isso, essas pessoas vieram fazendo isso desde pequenas. Muitas vezes, eram crianças que já tinham um desenvolvimento um pouco maior e vieram fortalecendo isso, e viram, inclusive, pessoas da família reforçarem isso ao longo do tempo, porque percebiam que, muitas vezes, elas eram crianças que já estavam com aquele intelecto desenvolvido.

Vamos falar desse passo. Como é que a gente coloca esse passo na prática? Entender esse passo é entender que a gente parte de um desejo espiritual, e a gente entra no nosso primeiro passo, que está totalmente associado à imaginação. Vamos falar da linha de produção do pensamento. Então, o que a gente realmente quer?

O nosso desejo espiritual é uma entrada para o nosso processo, ele é a semente que vai entrar no nosso intelecto. E essa semente vai ganhar vida a partir do ponto que ela passa pelas nossas seis etapas. São as nossas seis habilidades mentais. No final, o que você tem? Você tem um produto. Esse produto é uma ideia. Isso eu vejo de uma forma muito clara como se fosse uma linha de produção.

Entra a matéria prima, que pode ser boa ou ruim, passa por um processo, o primeiro estágio é a imaginação, e no final você vai ter um produto. Uma vez eu fui em uma fábrica de cerveja e eu vi muito isso. Eu trabalhava na Ambev. Aqui em Campo Grande tem uma fábrica gigante. Você chega com aquela matéria-prima, aqueles tanques, aquele negócio todo, você vai produzindo e no final sai a cerveja.

Fica no tanque, fermentando e faz não sei o que lá, um monte de etapa, um monte de salas diferentes que vão passando ali e o negócio vai chegar ali no final engarrafado. Não é sobre imaginar. É sobre imaginar e desdobrar o processo até que ele se torne físico. E isso é uma

coisa que confunde muito a maioria das pessoas, que acha que é só imaginar.

Alguém me perguntou hoje se é só ter gratidão até acontecer. Meu filho, isso aí não funciona desse jeito. Esse é um dos vinte e dois passos. A razão é o último passo. É um passo de conclusão, é um passo de julgamento. Mas, para entender esse último passo, a gente precisa entender os seis passos e a coerência que existe entre eles. Ou seja, o nosso trenzinho. A linha de produção de um pensamento. Vamos chamar de trenzinho intelectual.

Como é que está o seu trenzinho intelectual? Como está o seu intelecto? Precisa dar uma fortalecida. Como é que a gente faz? Entra ali uma semente, utilizada pela nossa imaginação. Um desejo, um input, que a gente chama. Você capta em uma frequência de pensamento, determinadas ondas de pensamento. Você cria uma imagem, através da sua imaginação, porque a gente sempre pensa em imagens, então você cria uma imagem com a sua imaginação.

Nessa imagem, eu quero só fazer um adendo, geralmente é a imagem do que a gente quer, de onde eu quero chegar. Se a gente fizer o primeiro passo bem feito, a gente vai trabalhar com isso. O que você realmente quer, não vai criar uma imagem que você não quer. Então, o primeiro passo parte do desejo e a gente cria uma imagem do que a gente realmente quer. Primeira habilidade mental é a imaginação. É o primeiro passo.

O segundo passo é o quê? Você tem que se concentrar e dar evidência para essa imagem. Você precisa de organização. Você precisa deixar isso muito claro na sua mente. Essa imagem ganha vida, ganha presença, ganha representatividade no seu intelecto, que é a habilidade mental da vontade que faz isso. Concentração, atenção, você realmente foca a sua energia nessa imagem e não em outras. Você descarta outras para focar nessa. Então, você tem uma combinação perfeita.

E aí, quando eu falo dessa combinação, eu queria chamar a atenção de vocês. A gente sempre fala, e a gente apresentou isso aqui no primeiro passo: “o que” ao invés do “como”. “O que ao invés do como” é uma frase que permeia todo esse trenzinho intelectual, todas essas seis etapas.

Quando eu falo do que, eu estou falando de combinar imaginação com vontade. Isso é o que você quer, é a imagem que define o seu objetivo C, que define o lugar que você quer chegar, que define o seu real objetivo, é o que você quer. Agora a gente vai passar para outras quatro etapas, que têm como intuito buscar o como.

Buscar o como você vai chegar nesse lugar, como você vai chegar no que você definiu. Só que lembra: o nosso foco tem que ser no que a gente quer, nunca no como. O como vai se ajustando, vai se alterando. Sabe qual é o momento que você sabe contar qual é o como? Quando você concretizou. É tipo assim: agora que eu consegui, eu olho para trás e teuento como. Enquanto não concretizei, eu estou aberto a possibilidades, estou criando, estou adaptando, estou ajustando, estou amadurecendo. Quando eu concretizo uma coisa, eu teuento a história. Fala “ah, foi assim que eu consegui”.

Mas o meu foco é sempre no que eu quero. Aqui que a gente erra. Você pode parar o que você está fazendo agora e falar assim: eu errei aqui. Pode falar, porque todos nós erramos. Se você tirar a evidência do passo um e do passo dois, ferrou. Você precisa combinar imaginação e vontade. Ou seja, você precisa pegar uma imagem de onde você quer chegar na sua vida e é por isso que a gente fala tanto de objetivo C, onde eu quero chegar, ou seja, quem eu quero ser, qual é o meu projeto de vida, qual é a vida dos meus sonhos, independente do como você vai chegar lá, meu filho.

Já discutimos esse ponto. A gente já discutiu isso. Você vai dar evidência para essa

Mandi e Cadu Treinamentos e Serviços LTDA © Todos os direitos reservados.

É proibido compartilhar esse PDF

imagem, ou seja, você vai pegar a sua habilidade mental da vontade, o segundo passo desse trenzinho, e você vai dar evidência para essa imagem. Isso é como a coordenada do aeroporto de destino.

Essas duas fases nunca podem parar! Elas têm que se manter na sua mente o tempo todo. É natural que você se perca, é natural que você fique buscando o como. Toda vez que você esquece o que, é como se você pegasse o Waze e tirasse a coordenada de para onde você está indo. Não tem como te levar para lugar nenhum. Não tem como te ajustar. Se não perder essa coordenada, você pode até entrar em uma rua errada que ele te recoloca na rota, mas ele vai te levar até o destino.

Então: o que? “O que” é a combinação da imaginação com a vontade. E as outras quatro etapas, principalmente as três seguintes, estão falando do como. Vamos tentar detalhar um pouco esse como, criando uma lógica para ele.

A gente tem a memória, tem a percepção e tem a intuição. O que é a memória? A memória são suas lições aprendidas. É o que você conhece. É o que está dentro do seu intelecto, de alguma forma, registrado. É o que você já viu na sua vida. Isso pode te ajudar a chegar no como.

O que você conhece, as lições aprendidas, suas e de outras pessoas que você viveu, podem te ajudar com o como, como você vai chegar lá. O que é percepção? É o que eu estou vendo agora. É a percepção que você está vendo agora. É olhar para os fatos como fatos e buscar percebê-los de uma forma que te ajuda. Para quê? Para você achar o como.

De repente, aqui tem uma oportunidade. Se eu enxergar isso aqui como oportunidade, ou seja, se eu mudar a minha percepção sobre os fatos, isso aqui pode me levar para o lugar que eu quero. E a quinta habilidade mental é a intuição. Então, você tem o que você conhece, o que você está vendo agora e o que você precisa, mas não conhece, que precisa ver, mas não consegue. Ou seja, é um preenchimento de GAP.

A intuição vem do nosso poder espiritual, da nossa conexão com Deus. Se tem alguma coisa que está faltando para você com relação ao como, pode ter certeza: se não sair da sua memória, se não sair da sua percepção, você vai captar. Então, você tem tudo o que você precisa para chegar em qualquer lugar que você deseja. Desde que você mantenha a imagem do lugar que você quer chegar.

Essas três habilidades trabalham de forma interativa, criando o como. E quem junta essa bagunça toda? Quem pega o que você conhece, com o que você está vendo, com o que você não conhece, mas precisa? Quem combina isso tudo? A razão. Estabilidade mental. Ela faz a conclusão, o julgamento, cria uma lógica para conectar toda essa bagunça mental com o plano físico. É isso que a gente chama de ideia.

A ideia é isso. Algumas pessoas têm sei lá, não sei nem se podia chamar de ideia o que as pessoas estão tendo aí na cabeça hoje em dia, sabe? Mas isso é uma ideia. Uma ideia é você fazer esse processo todo.

Só que você vai falar assim “ah, então está bom, vou fazer esse super processo aqui, vou sair com a ideia que vai salvar o mundo”. Talvez, o que esteja faltando para você é entender que, depois que a ideia nasce, você tem que se conectar com o que Tesla tentou ensinar para a gente. Olha o que Tesla fala aqui:

“Meu método é diferente. Eu não me apresso no trabalho atual. Quando eu tenho uma ideia, eu começo imediatamente a construir na minha imaginação. Eu mudo a construção, eu faço melhorias e eu opero o dispositivo inteiramente na minha mente. Quando eu junto tudo e

faço todas as melhorias possíveis que eu posso pensar, e quando eu vejo que não existe nenhuma falha nelas, eu ponho em prática. Como um produto final da minha mente.”

Quando eu tenho uma ideia, o que eu faço? Volto lá para cima. Eu volto para a imaginação. Esse cara está falando que ele trabalhava tomando banho, deitado, ele projetava o negócio. Aí me conecta muito com a frase do Napoleon Hill: “Imaginação é oficina da mente”. Nikola Tesla usava assim. Que é um grande exemplo.

O Einstein também tinha muito disso, de ficar olhando para uma coisa até entender como ela funciona. Esses caras amadureceram o intelecto deles de uma forma surreal. Então ele pega aquilo dali, fica processando na mente dele, sempre com a imagem do que ele quer, mas pegando aquela ideia, amadurecendo, amadurecendo, amadurecendo, ciclo após ciclo. Até que aquela ideia esteja perfeita e sem erro. Quando aquela ideia está perfeita, ele bota em prática.

Por isso que esse cara se tornou um grande inventor. Ele não pegou uma ideiazinha fraca, uma ideiazinha pobre e saiu gastando dinheiro nela. E isso me conecta muito com o que a gente vivia em gerenciamento de projetos, que é o seguinte: se você fizer um escopo de um projeto, o que acontece? Pega um projeto de dez anos, de longo prazo, bilionário na indústria do petróleo. Se você fizer um escopo dele no início, você tem um desenho ali. Você tem um projeto em si.

Então, você vai começar a gastar dinheiro nesse projeto. Se você quiser fazer uma mudança enquanto ainda é um projeto, é muito barato, você muda o papel. Deleta isso daqui, põe mais essa característica. Pronto. É muito barato você mudar a ideia no início. É muito barato você mudar um escopo de um projeto no início. O problema é quando você está no meio da obra.

Ou seja, o que você está dizendo? Você está dizendo que quando as pessoas têm uma ideia, se você vai lá e bota a ideia em prática, você queima a largada. Você trouxe muito esse conceito para a nossa vida, né? Eu falava assim “gente, o Cadu não quer fazer nada, não é possível, tem um monte de coisa para fazer e ele não quer fazer”. Aí eu perguntei se ele estava com preguiça de fazer, e ele falou “eu estou amadurecendo a ideia”.

Ou seja, não adianta eu fazer se eu não tenho certeza que vai funcionar. “Depois que eu fechar esse pacote aqui, eu vou passar dez meses executando uma coisa”. Não dá. Talvez, ao amadurecer, eu faça em uma semana. Então, deixa eu lapidar a ideia. Isso conflita muito com a crença de esforço da população, do “eu preciso estar sempre trabalhando”.

Eu fiz um trabalho de pelo menos um ano e meio para acabar com essa crença de esforço. E ela é muito real. Isso se conecta com o “You squared”, quer dizer, muitas vezes, com pouco esforço, com uma ideia fantástica, você acessa patamares extraordinários, que você jamais vai acessar fazendo força. Jamais. Isso bate com todas as crenças.

Você vê que várias pessoas realmente têm ideias, não amadurecem, botam em prática, e cagam tudo. Cagam tudo porque a ideia não está pronta ainda, não está madura. É como você tirar um bolo sem estar pronto e querer comer. Ele não é bom.

A gente já vai discutir isso mais à frente, mas a ideia tem uma característica, nesse caso, masculina. Ela é uma semente, ainda precisa ser amadurecida. Como ela vira um produto no final, se você colocar no sistema de novo, ela vira a semente que vai ser amadurecida novamente, até que ela fique uma ideia lapidada, que é o que o Bob Proctor chama de right reason, ele chama de razão correta. Essa é a razão correta: é você processar essa ideia. Ele não usa essa expressão, mas é isso que ele quer dizer. Ele fala de uma forma muito superficial. Mas é isso. É você criar uma ideia que você fala assim “caraca, isso aqui vai dar

certo! Ninguém precisa me dizer. Eu sei que se eu executar isso aqui, vai dar certo”.

A gente não faz isso. Literalmente, a gente não faz isso. Lembro de como eu comecei no Instagram. Muita gente sai começando as coisas “ah, eu vou começar aqui de qualquer jeito” e depois de muito tempo você fala que não era nada daquilo e que agora você está amadurecendo. Em muito menos tempo, você escala muito mais rápido se você lapidar as ideias.

Não é que você tem que ficar amadurecendo a vida toda, mas às vezes você começa a fazer uma coisa de forma impetuosa mesmo, de forma impulsiva, e você não amadureceu essa coisa. E isso mostra uma falta de maturidade. Mas a galera adora, por quê? Porque a gente gosta de esforço. É por isso que ninguém chega em lugar nenhum.

Ninguém quer deitar na praia e ficar amadurecendo uma ideia, porque vai contra a nossa crença de esforço. A pessoa não tem nem intelecto forte para isso. Pensar dói. Literalmente, pensar dói muito. Dói a cabeça, cansa... o cansaço de pensar é maior do que o cansaço físico. Ele é maior. Ele te esgota em um nível!

Eu não pensava, eu vivia no automático a minha vida, eu nem concebia essa possibilidade de pensar. Depois que eu comecei a pensar, eu vivo exausta pelos cantos. Eu falo “mano, não é possível, está me faltando algum nutriente” e aí você percebe que não, que você está pensando: você quer criar reels, você quer criar não sei o que, você quer criar coisas. Pensar demanda muito da gente. E você tem uma estratégia para poder comunicar a CIMT, porque depende de você fazer isso aqui acontecer. Pensar é uma coisa muito mais difícil do que fazer esforço.

Quando você vê uma pessoa, às vezes em um trabalho simples, ela trabalha dez horas, nove horas, direto. Porque é automático, é físico. Você acha que é difícil limpar a casa? Bota um fone de ouvido e vai ouvir música e limpar a casa. Cansa. Claro que cansa, mas é físico. Você não tem conflito de autoimagem, você só faz.

Você também não ganha nada, não ganha dinheiro, não escala, não faz nada. Esse processo de criação demanda que a gente rompa com a autoimagem. Uma vez que você tem uma ideia, uma ideia lapidada, uma ideia boa, o que você precisa fazer? Você precisa internalizá-la no seu nível emocional, e as crenças vão bater naquilo para destruir aquela ideia com muita ênfase. A gente vai falar disso no depois, em um próximo passo.

Só vamos fechar com mais uma ideia aqui, para ficar bem claro para todo mundo. A gente deu o exemplo aqui, quando estava discutindo sobre a linha de produção do pensamento, de Dubai. Dubai era um deserto, para quem não sabe. Um dia, um sheik olhou para aquele negócio e falou que para ele, o deserto nunca foi um obstáculo, um problema ou um desafio para ser superado, e sim uma oportunidade para criar uma nova forma de economia no país. Quer dizer, uma nova oportunidade para o meu país.

É a percepção, é o que ele estava vendo. Ele estava olhando para o deserto e dizendo que todo problema tem uma oportunidade. A gente entende que o cara tem um desejo espiritual, porque, para um sheik daquele ali fazer uma cidade, de um jeito nunca antes feito, em cima de um deserto e construir um império, é uma coisa incrível.

A gente passa por esse processo de habilidades mentais. Pensa com a cabeça desse cara, não sei quantos anos atrás: ele criou uma imagem, deu evidência para se materializar, tem que ter um puta desejo! Na história, ele diz que já sabia que o petróleo ia acabar e buscou oportunidades.

O Brasil, na época, sei lá, de 2000 a 2010 pegou o pico do petróleo a cem dólares o barril,

Mandi e Cadu Treinamentos e Serviços LTDA © Todos os direitos reservados.

É proibido compartilhar esse PDF

mas o que o Brasil fez? Um projeto completamente diferente. Dubai não, o petróleo ia acabar. Ele falou que ia transformar Dubai na capital mundial do turismo. E assim começaram ideias do tipo “o deserto não é um problema, o deserto é uma oportunidade, eu vou transformar isso num fator crítico, num fator crucial para a economia do país, vou fazer um hotel dentro da água”.

Aquilo ali é surreal! Se tiver oportunidade de ler sobre a história da construção de Dubai, é inconcebível para a mente humana. Não é à toa que tem o prédio mais alto do mundo, é um negócio astronômico. São barreiras rompidas. Acabou o petróleo e a cidade continuou. Se ele não tivesse tido essas ideias e não tivesse colocado essas ideias em prática, Dubai hoje ia ter que ser ajudado por todos os Emirados vizinhos. Menos por ele mesmo.

É importante a gente falar desse lance do ciclo da ideia, só para a gente fechar e dar ênfase para isso. É como eu comentei na questão do projeto: no início, enquanto ainda é uma ideia e você não dedicou dinheiro, você não dedicou energia, pode mudar. Imagina mudar Dubai no meio do projeto? “Ah, agora que eu já estou construindo aqui o Burj Al Arab, vou desistir, isso aqui não vai mais ser uma cidade turística”. É muito mais caro do que enquanto ainda está no plano das ideias.

Então, temos que sempre entender isso, a gente precisa ter um processo de amadurecimento. Isso aqui se conecta muito com pessoas que passam, às vezes, por desafios de transição de carreira. Eu sempre falo “cara, cria uma realidade nova”, porque quando você está criando uma realidade nova, você precisa gastar muito tempo no plano mental para que isso se traduza no plano físico, então você pode amadurecer. Você vai criar uma nova realidade, que você vai mudar daqui a pouco.

Isso custa muito caro, porque a gente faz uma faculdade de dez anos para enxergar que a gente não queria essa faculdade. Enxergar que uma faculdade não é boa no final dela? Acontece. É frustrante, mas acontece. Então, você cria um modelo novo na sua mente enquanto aquilo não te demanda tanto tempo, não te demanda tanto dinheiro. Você vai lapidando aquela ideia e você faz sua fase de transição com muita facilidade. Porque, se você não fizer isso, quando você largar a realidade anterior, você vai precisar criar, você vai precisar amadurecer. Do contrário, você nunca vai ter o que realmente quer.

Fechamos as habilidades mentais com chave de ouro. É um passo que fecha um bloco da mente consciente, o plano mental da mente consciente, a parte consciente desse plano mental. Eu estou muito feliz com o resultado. Para mim, é um prazer inenarrável sentar com o Cadu Tinoco, sentar na mesa, e sentar com vocês aqui para ter uma discussão de tão alto nível que eu gostaria muito que a sociedade estivesse presente, mas eu ainda não sei como convencer.

Ainda não ganhamos consciência de como colocar todo mundo aqui dentro, mas a gente vai ter ideias para fazer isso. Eu ainda não tenho consciência de como botar as vinte mil pessoas que me assistem diariamente no story para cá para dentro. O que importa é que você já sabe o que você quer, mas um dia a gente vai chegar lá.

Mandi: Bem, estamos aqui terminando mais uma vez um passo prático para alcançar nossos objetivos. A gente tem um modelo prático aqui, que vocês estão escutando, que tem vinte e dois passos. Nossos seis primeiros passos, eles estão associados ao fortalecimento das nossas seis habilidades mentais. Depois a gente tem mais cinco passos associados a nossa mudança de autoimagem e associado a mudança das nossas crenças. E por fim a gente tem os últimos onze passos na parte inferior desse modelo que estão associados às leis universais, quer dizer, pra gente conseguir entrar em harmonia com as leis. Lembra que cada um desses passos tem o seu exercício correspondente. Então você vai pegar lá: bem, semana um da minha vida aqui na CIMT, eu vou ouvir o primeiro passo e vou pegar o

exercício correspondente de habilidades mentais. Na semana seguinte, eu vou pegar o segundo passo pra estudar e eu também vou pegar o segundo exercício que está associado às habilidades mentais e assim por diante. Então se eu tenho seis passos de habilidades mentais, eu também tenho seis exercícios. Se eu também tenho cinco passos de autoimagem, eu tenho cinco exercícios e se eu tenho onze passos de leis universais, eu também tenho onze exercícios correspondentes.

Cadu: Beleza. É importante a gente lembrar que a nossa vida é uma grande desaceleração do nosso poder de pensar e esse modelo, versão oito da CIMT, ele representa essa desaceleração. Então, quando a gente entende isso, a gente percebe que já na primeira semana, já no primeiro podcast, a gente já começa a mudar a nossa vida. Quando você internaliza bem os conceitos que estão no primeiro passo associado a nossa imaginação, né? A vida que a gente realmente quer, a nossa vida já começa a mudar ali, mas obviamente que essa não é a melhor forma ou a única forma que a gente tem de mudar a nossa vida. Todos nós somos criadores e isso já é da nossa natureza. Significa dizer o seguinte: se você mudar a sua imaginação você vai tornar isso físico, você vai desacelerar, você vai em algum momento levar isso pra sua rotina, tá? Basta você ficar repetindo aquele novo processo de imaginação, só que...

Mandi: É uma espécie de consequência, né?

Cadu: Isso, é uma cascata, né? Um efeito dominó. Você quando modifica o primeiro passo dentro da sua vida, você é uma nova pessoa. Não tem jeito. Só que existe uma forma intencional e direcionada e matemática de tornar o seu cenário de vida um cenário real. Então você não vai trabalhar só no primeiro passo. Depois que você trabalhar no primeiro passo, você vai agregar mais um passo, então você continua respeitando aquele novo modelo de imaginar e você começa a se concentrar no que você imagina, esse é o segundo passo. A gente tem que entender o seguinte: quando a gente faz um dia de exercício de imaginação, as pessoas podem achar que isso é pouco, mas isso não é pouco, né? A mecânica quântica usa uma expressão que eu gosto muito, "colapsar a função de onda", significa dizer o seguinte, quando você imagina um negócio de verdade, aquilo ali realmente ele vai ser visto por você eternamente de uma forma diferente. Quando você vive na tua imaginação e escreve como tem lá no nosso primeiro exercício no diário de um dia, o diário de um dia é engraçado, mas quando você escreve um diário imaginando uma nova realidade, amanhã a tua imaginação automaticamente está trabalhando de uma forma diferente. Automaticamente ela internalizou num nível muito mais profundo aquilo dali.

Mandi: Por isso é importante a gente pegar um passo, né amor? E associar o exercício, porque são coisas diferentes. O passo eu estou aprendendo a coisa, o exercício eu estou praticando a coisa. Não adianta só eu aprender também, né? Eu preciso praticar...

Cadu: Isso!

Mandi: Preciso botar na minha vida.

Cadu: E a mesma coisa, né? Então isso fortalece muito, né?

Mandi: É

Cadu: Por isso que a CIMT English ainda vem pra somar. Então você quer estudar inglês? Estuda por aqui. Pega lá o passozinho e também estuda em inglês.

Mandi: É, se eu tô ouvindo o passo três, vou ouvir o passo três em inglês se for o caso.

Cadu: Convergência é o segredo da nossa rotina, convergência é o que vai levar a gente

Mandi e Cadu Treinamentos e Serviços LTDA © Todos os direitos reservados.

É proibido compartilhar esse PDF

pra altos padrões de resultado, pra altos patamares. Então assim...

Mandi: Convergência e repetição.

Cadu: Exatamente. A repetição com convergência é uma fórmula...

Mandi: Fenomenal.

Cadu: É, fenomenal. Então assim, se você agrupa na sua vida o primeiro passo, você é uma nova pessoa. Aí depois você vai agrupar o segundo passo. Então vê, é um efeito que se acumula, então você agrupa o segundo passo, você potencializou o primeiro. Depois você agrupa o terceiro, né? E aí eu vou passar rapidamente aqui todo o nosso modelo, toda essa desaceleração pra vocês internalizarem isso e entenderem. É o que tem de mais importante aqui que vai possibilitar você pensar e tomar suas... e tirar suas próprias conclusões e tomar suas próprias decisões. Então assim, olha, eu modifiquei minha imaginação porque o poder que flui pra mim, flui através de mim, ele simplesmente é. Você que define o que você vai fazer com ele, você que vai dar forma pra esse poder de pensar, tá? Você pode dar uma forma boa, uma forma que não seja tão boa, uma forma mediana. Você que dá forma. Então o poder fluiu pra você, você começa a imaginar de uma forma diferente. Depois você se concentra no que você imagina. Depois você limpa a sua memória pra que ela funcione melhor. Depois você limpa a sua percepção. Você começa a mudar as lentes com que você olha o mundo, depois você fortalece a sua intuição. Depois você aprende a ser um criador de verdade, um criador que sabe formar ideia. A nossa vida é sobre ideias, sabe?

Mandi: E isso vai ter uma consequência, vai ter um desdobramento, né? Que é dentro do nosso subconsciente que é a nossa próxima etapa ali.

Cadu: Isso, porque no consciente você concebe e no subconsciente você consente, né?

Mandi: Sim.

Cadu: Você internaliza, você pega o que você concebeu...

Mandi: Mas é a mesma coisa.

Cadu: É a mesma coisa, só que agora numa versão mais desacelerada.

Mandi: É.

Cadu: Quer dizer, o pensamento é muito rápido.

Mandi: Que inclusive é mais difícil da gente mudar, né? Por isso que a nossa crença é o mais difícil da gente mudar, quer dizer, eu já internalizei esse negócio...

Cadu: Demora mais

Mandi: Demora mais

Cadu: Mas o pensamento é muito rápido, a gente não tem muito controle do nosso pensamento. Então você precisa dessa versão desacelerada, que é a experiência física, pra você conseguir entender o rápido lá, que é o pensamento. Então quando você começa a mudar o seu pensamento, internaliza isso no seu sentimento, seu sentimento é uma coisa mais palpável ali pra você, né? Você fala assim: cara, eu estou sentindo que eu não estou muito bem, eu não sei nem explicar, porque eu não tenho muita consciência dos

pensamentos que estão passando, mas eu sei que eu não estou me sentindo bem hoje. E aquilo ali começa a te dar um feedback muito melhor. Aí você vem desacelerando, como? Na sua rotina, no dia a dia ou no seu corpo físico. Porque a pessoa que está ansiosa e não consegue olhar pro corpo dela e perceber ansiedade, ela não consegue desfrutar do máximo que essa experiência possibilita pra gente. A experiência física é a seguinte: cara, já que você não controla o seu pensamento, o seu poder acelerado, deixa eu desacelerar isso. Percebe o seu corpo? Percebe que aqui na região do umbigo de repente você está meio tipo com um desconforto? Você percebe que no estômago está meio desconfortável? Você percebe que quando você briga com uma pessoa você fica mal? Você consegue notar isso? Então, quando você nota isso, você estabiliza isso tudo, a energia flui dentro do seu corpo. Significa dizer que você está organizando os seus pensamentos, tá? Então, o nosso modelo é isso, ele vem do pensamento, se agrega com sentimento e se desdobra...

Mandi: Se desdobra no plano físico

Cadu: No corpo físico, no plano físico que naturalmente vai resultar numa rotina e essa rotina, ela pode ser uma rotina qualquer ou uma rotina inteligente, uma rotina do atleta de mentalidade. Então é isso que a gente tem que fechar aqui, essa versão oito do modelo da CIMT e relembrar isso ao final de cada um dos nossos passos.

Mandi: É isso CIMT, um beijo.

Cadu: Valeu.